

**Transmetodologia Comunicacional: um protocolo híbrido e mestiço
para o estudo da juventude no contexto escolar**

*Communicational Transmethodology: a hybrid and mixed protocol
for the study of youth in the school context*

Patricia Goedert MELO¹
Regiane Regina RIBEIRO²

Resumo

O artigo reflete sobre o processo transmetodológico comunicacional (MALDONADO, 2002; 2003) aplicado em investigações sobre a cultura juvenil no espaço escolar. A discussão tem como base um estudo realizado com jovens alunos do Colégio Estadual do Paraná (Curitiba-Brasil). O texto apresenta os protocolos metodológicos percorridos durante o percurso investigativo, resultando na aplicação de um protocolo híbrido a partir de diferentes métodos: observação participante; registros fotográficos; observação de páginas e perfis de alunos no Facebook; aplicação de grupos de discussão. Tal perspectiva foi alicerce para uma construção epistemológica que colabora na compreensão da trama das relações que formam a cultura da escola e para o entendimento da complexidade da dimensão comunicativa que ultrapassa sua face instrumental ao apreender os processos socioculturais deste espaço, funcionando como constituidora da organização simbólica e das relações dos sujeitos.

Palavras-chave: Transmetodologia. Comunicação. Juventude. Escola. Colégio Estadual do Paraná.

Abstract

The article reflects on the communicational transmethodological process (MALDONADO, 2002; 2003) applied in investigations of youth culture in the high school space. The discussion is based on study conducted with young students from the Colégio Estadual do Paraná (Curitiba-Brazil). The text shows the methodological protocols – described as moments of the research, resulting in the application of a hybrid protocol based on different methods: participant observation; photographic records; surveillance of student fan pages and profiles on Facebook; application of discussion groups. Such a perspective was essential for an epistemological construction that collaborates in the understanding of the web of relationships that make up the school culture and for understanding the complexity of the communicative dimension that goes beyond its

¹ Doutoranda em Comunicação pela UFPR. E-mail: patigmelo@hotmail.com

² Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR.
E-mail: regianeribeiro5@gmail.com

instrumental facet when apprehending the socio-cultural processes of this space, working as a constituent of the symbolic organization and of the subject's relationships.

Keywords: Transmethodology. Communication. Youth. School. Colégio Estadual do Paraná.

Introdução

O artigo apresenta os caminhos metodológicos percorridos para estudar a relação da comunicação com a juventude dentro do espaço da escola. O objetivo é propor uma reflexão transmetodológica no tocante a questões sobre a cultura juvenil no ambiente educacional, mas que, inevitavelmente, dialogam com práticas cotidianas que estão fora dos muros da instituição. Neste sentido, defende-se a relevância deste estudo como um protocolo possível a ser usado em pesquisas com o mesmo contexto.

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual do Paraná nos anos 2015 e 2016³. Conhecido também como CEP ou Estadual, situa-se na cidade de Curitiba (PR-Brasil) e é considerado o mais antigo colégio público do estado. Atende cerca de 5 mil estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio sendo que a sede atual⁴ foi inaugurada no dia 29 de março de 1950, representando a continuidade do *Licêo de Curitiba*, fundado em 1846.

O texto se debruça a explicitar as técnicas e os instrumentos utilizados durante o percurso transmetodológico (MALDONADO, 2002; 2003) – observação participante (RANCI, 2005); diário de campo; registros fotográficos; observação de páginas e perfis dos alunos no Facebook; aplicação de grupos de discussão (GAITÁN MOYA; PIÑUEL RAIGADA, 1998; GASKELL, 2008); Discurso do Sujeito Coletivo –, destacando a construção de um raciocínio processual e sua funcionalidade na análise da juventude no contexto escolar.

Deste modo, a articulação transmetodológica apresenta um caráter híbrido e mestiço: a trama é entendida tanto na sua mestiçagem no uso de diferentes métodos, quanto na sua hibridização ao exigir que o protocolo metodológico não siga um processo

³ A discussão apresentada é parte da investigação que resultou na dissertação de Mestrado – “Vozes coletivas, compartilhadas e reconhecidas: um estudo sobre as mediações comunicativas da cultura na trama cotidiana dos jovens alunos do Colégio Estadual do Paraná” –, defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

⁴ Entre dezembro de 2018 a setembro de 2022 ocorreu uma extensa obra de restauro em diferentes espaços do colégio (tombado como patrimônio cultural em 1994).

linear, mas sim um percurso que dê conta da grande trama das relações que formam a cultura da escola e para o entendimento da complexidade da dimensão comunicativa que ultrapassa sua face instrumental ao apreender os processos socioculturais deste espaço.

O caminho transmetodológico: ponte entre a reflexividade e a processualidade

A transmetodologia defende o uso de uma estratégia multimétodos⁵ alicerçada na processualidade. O caminho transmetodológico relaciona teoria e empiria de forma criativa, “mas acima de tudo crítica na hora de conjugar a práxis teórica e as estratégias metodológicas ao caráter multicontextual das pesquisas em comunicação” (AGUIAR, 2011, p. 216).

Levando-se em consideração a complexidade da trama analisada, defende-se o argumento de que ela é percebida e tensionada a partir da confluência de métodos que deram subsídio para a desconstrução, sistematização e interpretação dos dados coletados, caracterizando, assim, um transmetodológico comunicacional.

O método portanto, como conjunto de estratégias e procedimentos para a resolução de problemas, adquire um caráter mestiço, configura-se num cenário e numa estruturação (*dimensão/campo/nível*), na qual confluem processos socio-históricos e culturais que valorizam a sua produção de sentido (pluralidade de contextos) e, por outro lado, incorpora e apropria-se de lógicas e modelos teóricos, em confluência e desconstrução, que configuram um real *transmetodológico comunicacional*. (MALDONADO, 2002, p. 18, grifos do autor).

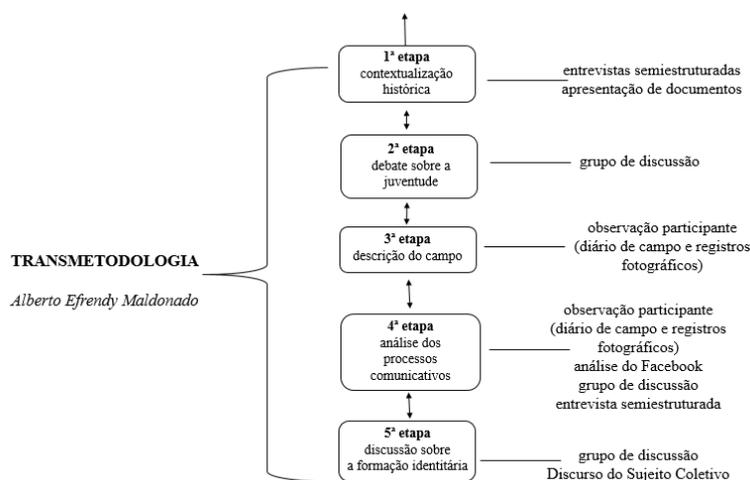
Maldonado (2002) defende que a necessidade transmetodológica, a partir dos confrontos cotidianos com o problema/objeto, exige, cada vez mais, a “mestiçagem” na dimensão metódica. Isso leva ao uso de um método mestiço “num sentido amplo que mistura cosmovisões, sistemas, modelos, procedimentos, lógicas, operacionalizações, tecnologias, explorações, vivências, experiências e processos de construção de conhecimento concretos” (MALDONADO, 2002, p. 16).

Esta concepção “busca uma articulação de métodos organizados em torno de uma *espisteme* e uma conceptualização comunicacional renovadoras” (MALDONADO, 2003, p. 220). Nessa perspectiva, todas as etapas da investigação exigiram métodos

⁵ Aguiar (2011) explica que o caráter *multi, pluri, trans, interdisciplinar* está presente na formação do campo da comunicação desde “quando dentro das ciências sociais lançou mão de sua existência autônoma como disciplina, depois vivenciando uma transformação das práticas culturais *comunicacionais* contemporâneas” (Aguiar, 2011, p. 226, grifos da autora).

próprios, mas complementares uns aos outros. Com isso, o protocolo multimetodológico se baseou na utilização de diferentes técnicas e instrumentos. Os arranjos, as confluências e as combinações se configuraram para resolver questões que contribuíram para o percurso do trabalho, conforme mostra o itinerário a seguir:

Figura 1 – Mapa mental do percurso teórico-metodológico⁶



Fonte: elaborado pelas autoras (2016).

A ênfase para a cotidianidade, orientada pela reflexividade – conforme propõe Melucci (2005) –, “entende o foco sobre a particularidade dos detalhes e a unidade dos acontecimentos que dificilmente servem para ser observados, contidos e organizados dentro dos modelos de análise unicamente quantitativos” (MELUCCI, 2005, p. 29). O autor justifica que é nas relações que o sentido é produzido, sendo que esta dimensão construtiva e relacional é componente de significação da pesquisa de cunho qualitativo. É a partir deste diálogo, entre a reflexividade e a transmetodologia, que os protocolos metodológicos serão, então, esclarecidos.

Tais protocolos foram organizados de acordo com os momentos da pesquisa que, muitas vezes, aconteceram simultaneamente. O primeiro foi a observação participante e, com base nela, foi possível identificar e compreender a cultura da escola, bem como desenhar as conexões das relações sociais nela existentes. O segundo momento, que ocorreu concomitante ao primeiro, articulou o uso de registros fotográficos e a análise de

⁶ O mapa apresenta as etapas trilhadas durante a investigação que resultou na dissertação informada. Porém, algumas delas não serão trabalhadas neste texto por não responderem ao recorte proposto para o presente artigo: entrevista semiestruturada e apresentação de documentos (etapa 1) e entrevista semiestruturada (etapa 4).

postagens no Facebook – ambos serviram como recursos (junto com o diário de campo) para a coleta de materiais durante a observação participante.

Por fim, o terceiro momento descrito no artigo é a aplicação de grupos de discussão, os quais identificaram o discurso coletivo dos jovens sobre a cotidianidade e a cultura da escola, além dos seus diferentes modos de viver a juventude e de se comunicarem. A técnica de análise do material coletado deste momento foi o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) – que não contrapõe a ideia de que a juventude constrói vários modos de ser jovem de acordo com suas singularidades e diversidades.

Imersão, percursos e encontros: observação participante, uso da fotografia e análise do Facebook

A pesquisa de campo, que exigiu a aplicação da observação participante, foi realizada em dois períodos: o primeiro de 03 de novembro a 07 de dezembro de 2015⁷ e o segundo de 29 de fevereiro a 16 de maio de 2016⁸. O objetivo foi observar diferentes situações de práticas sociais cotidianas protagonizadas pelos estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual do Paraná.

O trabalho de campo aproxima de tal forma observador e observado que não raras vezes os papéis se complexificam, não tanto no sentido dos “nativos” se aperceberem da presença do investigador mas enquanto um conjunto de reflexões introspectivas a que o observador não escapa, no decurso da sua pesquisa. O que ele vê e ouve tem um impacto maior do que aquele que fica registrado no diário de campo. (LOPES, 1997, p. 93).

Estudar a escola e seus processos comunicativos em confluência com a cultura é se permitir ao aprofundamento subjetivo na complexidade social e cultural que singulariza cada espaço escolar e, ao mesmo tempo, é caracterizada pelos sujeitos que dele fazem parte. Ao levar em consideração esta característica epistemológica, os teóricos

⁷ A presença analítica no espaço investigado aconteceu de dois a quatro dias por semana durante o primeiro período, chegando, algumas vezes, a mais de uma vez ao dia – prevalecendo os horários dos intervalos escolares pela manhã e à tarde. O perfil dos alunos que estudam no período noturno não coube à proposta estudada, pois muitos já trabalham e têm filhos. Com isso, participam com menos frequência de movimentos estudantis, atividades artísticas e do grêmio estudantil.

⁸ O segundo período contou com idas ao campo em dias mais espaçados. Em março de 2016, a observação ocorreu duas vezes por semana, intercalando os intervalos da manhã e da tarde. Na primeira quinzena de abril, foram feitas visitas semanais e de 15 de abril a 16 de maio, idas quinzenais ao colégio.

que discorrem sobre a cultura da escola defendem a imersão no campo como guia metodológico, pois, a partir disso, é possível apreender e descrever as densas particularidades e as dimensões culturais da escola.

Estudos com este propósito permitem “elaborar uma reflexão ampliada sobre os objetos, estéticas, processos e sujeitos envolvidos nos contextos das culturas juvenis” e pressupõe “a imersão nesses universos culturais, a observação atenta e detalhada das experiências, das práticas cotidianas e dos indivíduos” (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p. 35).

O primeiro período de observação privilegiou a observação da cotidianidade, das posturas, dos gestos e dos símbolos, a apreensão de narrativas e de relatos produzidos pelos jovens. O que permitiu (re)conhecer o espaço, se integrar ao ambiente investigado, observar cenas recorrentes, conversar com os alunos e iniciar a solidificação da confiança e do vínculo com os observados.

Nos dias iniciais da análise empírica, a observação estava voltada para captar a rotina da escola – desde as regras formais (horários, hierarquias, condutas etc.) até as relações simbólicas entre os sujeitos que dela fazem parte (rodas de conversas formadas pelos alunos durante o recreio, movimentações pelos corredores, o uso de acessórios como bonés, *piercings*, brincos e o cabelo pintado com diferentes cores, os namoros etc.). Para isso, o olhar investigativo circulou pelos corredores e pelo pátio, focou em conversas com os jovens durante o recreio, em participações para observar reuniões do Grêmio Estudantil do Colégio Estadual do Paraná (GECEP) etc. O entendimento era de que, para visualizar e compreender os processos comunicativos era preciso, antes de tudo, apreender a cultura desse espaço.

Tal aproximação permitiu enxergar mais de perto e de forma mais clara “os destaques, as peculiaridades e luminosidades – aquilo que, enfim, ‘saltou aos olhos’ como resultado qualitativo” (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p. 30) – no que diz respeito aos fenômenos culturais e comunicacionais relevantes ao estudo. A observação se apoiou em instrumentos como diário de campo e registros fotográficos para coletar o material da análise. O critério era captar e documentar momentos, falas e expressões que pudessem simbolizar práticas sociais cotidianas protagonizadas pelos alunos em ambientes como o pátio escolar, os corredores do prédio, a sala do grêmio estudantil etc.

Práticas essas presentes em situações como a formação de grupos e suas conversas durante os intervalos, as diferentes maneiras de usar o uniforme, os cartazes

expostos nas paredes, as rodas de violão durante o recreio, as práticas esportivas, as temáticas e as dinâmicas das reuniões do grêmio estudantil, as ações de campanha das chapas que concorreram ao GECEP – gestão 2016 (conteúdo da plataforma política, confecção de camisetas, criação de faixas e *flyers*, varal de poesias, gritos de guerra etc.), entre outras.

Somente a partir dessa inserção investigativa – que promoveu um olhar para os nexos simbólicos e culturais que fazem parte do CEP e das relações entre os observados – foi possível compreender os gestos e experiências que se multiplicam diariamente nas teias do espaço escolar e que comunicam quem são esses jovens, o que pensam e sentem sobre o mundo e quais são os processos comunicativos que permeiam a estrutura social e cultural da escola.

Durante o período da observação de campo, foram aplicadas diferentes técnicas para a coleta do material de análise. Além do diário de campo, o uso de registros fotográficos e a observação de postagens no Facebook também foram recursos acionados.

Ao fotografar, usando como instrumento o celular, o objetivo foi, em um primeiro momento, que o registro servisse como apoio para a investigação. Compreendida como antropologia visual (ANDRADE, 2002), a fotografia serve mais do que um documento, prova do que aconteceu ou ilustração do texto escrito, pois a imagem nasce da observação de um contexto carregado de significados. As figuras apresentadas na sequência ilustram o uso da fotografia como instrumento no percurso metodológico desenvolvido com os alunos do Estadual:

Figura 1 – Cartazes criados pelos alunos e expostos na sala do GECEP



Fonte: as autoras (2016).

Figura 3 – Registro das criações visuais durante a campanha para o grêmio estudantil



Fonte: as autoras (2016).

Além disso, a pesquisa realizou uma espécie de observação passiva (Pais, 2003) – ou seja, sem interação – em perfis de alunos e páginas criadas pelos estudantes no Facebook. Também houve a inserção de uma das pesquisadoras em um grupo fechado neste site de rede social (com mais de 3.800 membros, composto por alunos, ex-alunos, professores, funcionários e pais)⁹. Os acessos ao Facebook iniciaram em novembro de 2015 e se estenderam até o dia 31 de maio de 2016. A frequência da visualização dos perfis, páginas e grupo fechado acompanhou o período da observação de campo.

O intuito foi observar postagens (texto, foto e vídeo) que remetesse às práticas sociais cotidianas que integram a estrutura cultural do colégio. A coleta de narrativas e imagens não foi feita no grupo fechado, mas sim nas páginas e perfis públicos do Facebook, como: “Todos”¹⁰, chapa que concorreu ao grêmio estudantil em 2015; “Idealize”¹¹, gestão que ganhou a eleição e assumiu o GECEP em 2016; “Voz Ativa”¹², página criada por um dos alunos do Estadual para divulgar informações de interesse da comunidade escolar.

⁹ Este grupo fechado no Facebook, denominado “Cep”, reúne pessoas que tiveram ou têm algum tipo de vínculo com o colégio, seja como aluno, professor ou pais, ou, no caso aqui tratado, como pesquisadora. Para fazer parte, é preciso receber um convite (via Facebook) de alguma pessoa que seja membro do grupo. Após ter conhecimento dos objetivos da investigação – relatados em uma das ocasiões da observação participante –, uma aluna do 3º ano do Ensino Médio enviou uma solicitação (convite) no dia 13 de novembro de 2015 para uma das autoras deste artigo integrar o grupo. A partir disso, por meio do perfil pessoal deste site de rede social, era possível visualizar as postagens, comentários e discussões que aconteceram neste ambiente.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/Todos-1521876018133379/?fref=ts>>

¹¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/IdealizeCEP/?fref=ts>>

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/voztativacep/?fref=ts>>

Vozes compartilhadas: grupos de discussão

Os encontros, que geraram os grupos de discussão¹³, aconteceram em dezembro de 2016 nas dependências do colégio e foram devidamente autorizados pela equipe diretiva da Instituição. Foram quatro grupos de discussão, totalizando 28 jovens: 18 meninas e 10 meninos. As pesquisadoras deste estudo desempenharam o papel de moderadoras – catalisadoras da interação social entre os participantes (GASKELL, 2008) – e contaram com a colaboração de pessoas para atuarem como documentadoras do processo, cuja tarefa é registrar em um caderno percepções sobre o comportamento dos integrantes do grupo e o desenvolvimento da sessão (CHÁVEZ MENDEZ, 2004).

Os Grupos de Discussão (GD) “se apresentam como uma técnica qualitativa de reunião de grupo que permite obter um conhecimento aproximativo da realidade social que se pretende investigar, mediante a comunicação que se produz em seu interior”¹⁴ (GAITÁN MOYA; PIÑUEL RAIGADA, 1998, p. 122, tradução nossa). O objetivo de sua aplicação foi propiciar dinâmicas que provocassem o debate sobre contextos identificados ao longo da observação participante – especialmente no tocante às práticas sociais cotidianas mais recorrentes e simbólicas à cultura dessa escola. Para tanto, o GD abordou assuntos como: lembranças que fazem parte da vida dos jovens enquanto alunos do Estadual; os movimentos estudantis; campanhas para o grêmio estudantil; relação com os professores e com a direção; relacionamento familiar; gênero e sexualidade etc.

Os jovens que participaram dos grupos foram selecionados obedecendo os seguintes critérios: estudantes dos sexos feminino e masculino, matriculados no 2º ou 3º ano do Ensino Médio (EM) do período matutino¹⁵ em 2015 e/ou 2016 e que expunham atitudes, opiniões ou discursos relacionados aos movimentos estudantis, à discussão sobre gênero, à valorização da história do colégio e ao uso da arte como expressão. O convite foi feito diretamente a eles (sem intervenção da Direção), seja pessoalmente ou pelo

¹³ A opção em utilizar a nomenclatura “grupo de discussão” e não “grupo focal” seguiu as recomendações de Russi Alzaga (1998). O autor explica que o primeiro termo é empregado pela sociologia espanhola e o segundo pelos estudiosos dos Estados Unidos para pesquisas de mercado.

¹⁴ No original: “se presentan como una técnica cualitativa de reunión de grupo que permite obtener un conocimiento aproximativo de la realidad social que se pretende investigar, mediante la comunicación que se produce en su seno”.

¹⁵ Foram convidados para o grupo de discussão apenas alunos do período da manhã pelo fato das sessões acontecerem à tarde.

aplicativo WhatsApp. A escolha – entre cerca de 1.400 alunos matriculados no 2º ou 3º ano do EM – foi baseada nas observações de campo, nos contatos prévios e no acompanhamento das postagens no Facebook.

Os participantes foram esclarecidos sobre o objetivo da pesquisa e consultados no tocante à gravação de áudio da conversa. Também houve a explicação que o material seria um auxílio e utilizado exclusivamente para a investigação, a apresentação do termo de livre consentimento, bem como o esclarecimento sobre a dinâmica da atividade e a importância de cada um expressar seus pensamentos, emoções e lembranças.

Todos receberam um formulário, numerado para facilitar o controle na identificação e sequência das falas, que demandou informações sobre a profissão dos pais, bairro onde mora, idade, motivos que o levou a estudar no CEP etc. Nesse documento, os jovens também escreveram seus nomes verdadeiros e o nome fictício que gostariam de ser chamados no texto científico.

Sobre esta questão, Kramer (2002) levanta a discussão ética quando o estudo é realizado com crianças e afirma que essa questão é sempre uma dificuldade nas pesquisas. Como a investigação trabalhou com jovens – sendo a maioria legalmente menor de idade –, seguimos as orientações desta autora, que também explica que alternativas como usar números ou as iniciais dos nomes sem apresentação prévia dos participantes nega a sua condição de sujeitos. Por outro lado, ao revelar a sua identidade, o jovem pode se sentir exposto, seja pelas críticas que fez ao colégio, ao sistema educacional ou à própria família, bem como pelas emoções, lembranças e opiniões expostas durante a dinâmica dos grupos de discussão. A partir disso, optou-se pelos nomes fictícios indicados pelos próprios estudantes no formulário preenchido por todos.

Além dos tópicos-chave orientados por um roteiro semiestruturado, os encontros contaram com a exposição de algumas imagens oriundas dos registros fotográficos (citados anteriormente) e de algumas frases de autoria dos estudantes registradas no diário de campo: “Aqui eu posso ser quem realmente sou”; “Sempre sonhei em estudar no CEP”; “Não sei explicar, mas tem algo nesse colégio que só quem estuda sente”; “No CEP sentimos que pertencemos a um espaço, que temos voz”; “Aqui todos se respeitam, as pessoas podem ser quem elas quiserem ser”¹⁶.

¹⁶ As imagens e as frases foram apresentadas na tela de um *notebook*.

Com isso, buscou-se, como afirma Ranci (2005), uma fonte de estímulo para o desenvolvimento de uma metacomunicação. Segundo o autor, uma relação em um nível metacomunicativo permite “gerar novas interpretações que dizem respeito não mais em relação ao que ocorreu, mas exatamente ao jogo relacional¹⁷ entre ator social e pesquisador que a investigação social suscitou” (RANCI, 2005, p. 64). Isto é, ao expor fotografias, frases ou postagens do Facebook, os jovens se sentiram mais estimulados a dialogar sobre as práticas cotidianas que eles protagonizam na escola, provocando um olhar para dentro de si e instigando a reflexividade sobre suas identidades.

Para a análise do material coletado a partir da aplicação dos grupos de discussão, optou-se pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014). Este método é indicado para trabalhos que examinam as falas dos investigados sem implicar um cunho quantitativo. No caso deste estudo, o objetivo foi identificar o pensamento do grupo de jovens alunos do Estadual sobre questões referentes à cotidianidade e à cultura da escola, bem como seus diferentes modos de ser jovem e de se comunicarem.

Sendo uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos, o procedimento parte dos discursos em estado bruto (transcritos integralmente) e segue para o trabalho analítico de decomposição e de “mineração” em quatro passos metodológicos: (1) ancoragem; (2) ideia central; (3) expressões-chave e o (4) discurso do sujeito coletivo. Dito de outra maneira: o material verbal coletado durante os GDs foi analisado, extraindo de cada depoimento e de cada grupo as ancoragens e as ideias centrais que correspondem às expressões-chave, compondo, então, os discursos-síntese formados pelo Discurso do Sujeito Coletivo dos jovens alunos do Colégio Estadual do Paraná que participaram da pesquisa.

O primeiro passo, a ancoragem, alicerça as concepções que apoiam os discursos e que estão presentes nas falas dos pesquisados como se fossem afirmações rotineiras. A segunda etapa, a ideia central, descreve e nomeia, da forma mais objetiva possível, os sentidos embutidos nos depoimentos analisados, formando o conjunto homogêneo das

¹⁷ “Trata-se, em outros termos, de considerar a investigação social não só como uma forma de exploração da realidade social, mas também como um *jogo relacional*, no qual são implicados o pesquisador [...] e os atores sociais que, por diversas formas, são solicitados para colaborar na pesquisa. A qualidade dos resultados atingidos pela pesquisa depende, assim, não só das categorias conceptuais e explorativas do pesquisador, mas também da sua capacidade de fazer deste jogo uma importante fonte de informações e de interpretações” (RANCI, 2005, p. 61, grifos do autor).

expressões-chave. A partir desse passo, a investigação segue para as expressões-chave, que são os trechos dos discursos destacados pelo pesquisador. Essas transcrições revelam a essência do conteúdo discursivo.

A última etapa é a reunião em discursos-síntese (apresentados na primeira pessoa do singular) das expressões-chave as quais têm as ideias centrais ou as ancoragens semelhantes ou que se complementam. O conteúdo é editado, resultando o discurso do sujeito coletivo.

O DSC preserva as falas individuais e não agrupa discursos opostos. Ao formarem um discurso único, descreve a identidade coletiva do grupo referente ao assunto em questão. Assim, o discurso-síntese é formado com base em trechos de discursos de sentidos similares, organizados por meio de processos sistemáticos e padronizados, resultando na junção de depoimentos sem reduzir a ideia central.

A vantagem desta técnica para a pesquisa foi a constituição de um painel de formações identitárias (representadas pelos discursos) e o resgate do pensamento coletivo de maneira menos arbitrária amparada em artifícios metodológicos. Lefevre e Lefevre (2014) reafirmam que o resultado do que é descrito não é uma invenção ou criação do pesquisador, “mas uma reconstituição de uma entidade existente, de um fato social, mesmo que de natureza simbólica” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014, p. 504). Porém, também sinalizam que é de plena responsabilidade do analista a interpretação do conteúdo. Os autores ainda destacam que, uma vez compreendido e aceito o papel do cientista nesta trilha analítica, mostram-se equivocadas as frequentes caracterizações da pesquisa qualitativa – especialmente aquelas que apresentam como objeto as opiniões coletivas – como mera interpretação do pesquisador.

O DSC trabalha com o discurso em primeira pessoa de uma coletividade, ou seja, resgata o núcleo das falas dos sujeitos investigados. Lefevre e Lefevre (2014) reiteram que as histórias coletivas carregam códigos narrativos socialmente compartilhados, por isso, é importante destacar que o método não trata o discurso como enunciado linguístico, nem pelo viés da semiótica e da semiologia. Por último, mas não menos importante, o uso do Discurso do Sujeito Coletivo não contrapõe a ideia de que a juventude constrói vários modos de ser jovem de acordo com suas singularidades e diversidades.

Considerações finais

A trilha transmetodológica – na perspectiva híbrida e mestiça – exigiu seguir um direcionamento multimetodológico, que se baseia na processualidade, com um itinerário que foge da linearidade e se reinventa de acordo com os resultados advindos do campo e da realização dos protocolos metodológicos (descritos neste artigo como momentos da pesquisa). Com isso, a investigação foi costurada como um processo artesanal, onde cada nó e cada linha precisaram se entrelaçar para formar a trama do texto final e, com isso, dar sentido às etapas da análise e ao estudo como um todo. No entanto, até o tecido dissertativo ser tramado de forma compreensiva e processual, foi preciso ir e voltar inúmeras vezes, tanto na empiria, quanto na construção do próprio texto.

O que é pertinente aferir e, mais do que isso, apresentar como possibilidade analítica para outros estudos, é de que forma a proposta transmetodológica aqui discorrida pode ser o caminho adequado para investigações que tenham como objetivo olhar a relação da comunicação com a juventude dentro do espaço da escola. Tal proposição colaborou para se atentar à existência de uma rede comunicativa que liga, articula e organiza muitos jovens – principalmente aqueles engajados em movimentos de resistência¹⁸, não apenas no ambiente escolar, mas também no espaço público e inseridos em contextos de ações coletivas. O que permitiu perceber que os processos comunicacionais criados e desenvolvidos pelos alunos dentro e fora da escola – desde vídeos, sites de redes sociais, cartazes, até gritos de guerra, dança, poesia etc. – produzem sentido porque estão articulados ao tecido simbólico do colégio, às práticas sociais que ajudam a construir esta teia e aos diferentes modos de ser jovem.

Tais práticas servem ao grupo analisado como momentos de encontro, afetividade, diversidade, pertencimento e reconhecimento. Para que elas ganhem expressividade, os alunos as promovem por meio da articulação com a comunicação. Ou seja, são visibilizadas quando materializadas pelos processos comunicativos – sendo que as

¹⁸ Os estudantes do CEP protagonizaram nos anos de 2015 e 2016 dois momentos de relevância histórica e social. O primeiro foi durante a greve dos professores do estado do Paraná (2015). A data de 29 de abril daquele ano repercutiu devido ao violento confronto entre manifestantes e policiais militares sob o comando do Governo Estadual. Os alunos do colégio estavam presentes nessas manifestações, uniformizados e em grupo, caminhando em passeata, ecoando gritos de guerra e palavras de ordem etc. O segundo momento foi durante as ocupações das escolas públicas do Paraná (que começou no dia 04 de outubro de 2016 e terminou no dia 09 de novembro do mesmo ano). O ápice deste movimento chegou a mais de 700 escolas ocupadas pelos jovens secundaristas – sendo que o CEP era uma dessas instituições.

reconfigurações de sentido não são apenas discursivas, estéticas e territoriais, são também simbólicas e identitárias.

O caminho transmetodológico foi base para uma construção epistemológica a qual compreendeu que a trama das relações que formam a cultura do Colégio Estadual do Paraná por meio da dimensão comunicativa ultrapassa sua face instrumental ao apreender o social pela comunicação constituída na cultura. Por esta abordagem, a Comunicação deixa de ser um processo recortado e restrito e converte-se em perspectiva integradora para se pensar a própria sociedade, pois funciona como constituidora da organização simbólica do espaço e das relações dos sujeitos (FRANÇA, 2003).

Referências

AGUIAR, Lisiane Machado. Por uma epistemologia transmetodológica no campo da comunicação. In: Maldonado, A. E. et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos** (pp. 215-238). Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BORELLI, Silvia Helena Simões; ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (Org.). **Jovens na Cena Metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação**. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.

CHÁVEZ MENDEZ, María Guadalupe. **De cuerpo entero...** Todo por hablar de música. Reflexión técnica y metodológica del grupo de discusión (pp. 113-172). Colima: Universidad de Colima, 2004.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. L. Quere: dos modelos da comunicação. **Revista Fronteiras - Estudos midiáticos**, São Leopoldo, 2, 37-51, 2003.

GAITÁN MOYA, Juan Antonio; PIÑUEL RAIGADA, José Luis. **Técnicas de investigación en comunicación social: elaboración y registro de datos**. Madrid: Editora Síntesis, 1998.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, M. W.; Gaskell, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. (pp. 64-89). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de pesquisa**, 116, 41-59, 2002.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2, 502-507, 2014.

LOPES, João Teixeira. **Tristes escolas**: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano. Porto: Editora Afrontamento, 1997.

MALDONADO, Alberto Efendy. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das Ciências da Comunicação. In: Lopes, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação** (pp. 205-225). São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MALDONADO, Alberto Efendy. Produtos midiáticos, estratégias e recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, 9, 1-23, 2002.

MELO, Patricia Goedert. **Vozes coletivas, compartilhadas e reconhecidas**: um estudo sobre as mediações comunicativas da cultura na trama cotidiana dos jovens alunos do Colégio Estadual do Paraná. Curitiba, 231 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura – por uma sociologia reflexiva. In: Melucci, A. (Org.). **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura (pp. 25-42). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005;

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

RANCI, Costanzo. Relações difíceis – a interação entre pesquisadores e atores sociais. In: Melucci, A. (Org.). **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura (pp. 43-66). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

RUSSI ALZAGA, Bernardo. Grupos de discusión: De la investigación social a la investigación reflexiva. In: Cáceres, L. J. G. (Org.). **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación** (pp. 75-115). México: Addison Wesley Longman, 1998.